

O arrendamento das linhas do Estado

Está definitivamente assente a passagem dos Caminhos de Ferro do Estado à Companhia Portuguesa. Aspira-se já antiga a contrapor a uma outra: resgate de todas as linhas férreas, colocando-as sob uma administração autónoma, técnica e administrativa, em benefício exclusivo do público e do fomento do país, intensificando rapidamente a rede férrea, existente, em todos os aspectos, satisfazendo assim a necessidade de muitas terras, ela veio demonstrar os interesses que encerra para o grupo financeiro que a consegue ver realidade a favor dos seus desejos.

A luta estabelecida para a posse das referidas linhas atingiu aspectos interessantes. Houve quem chegasse a oferecer 99 % dos prováveis rendimentos futuros, tal o desejo que havia em conseguir a sua adjudicação!

Assistiu-se ao combate travado entre os poderosos grupos financeiros, cujos representantes são os mesmos que, quer no comércio ou na indústria, têm levado ao exagero os seus lucros, saguando o já de si depauperado corpo da população.

Esta situação de permanente crise em, que vivemos, e que se vai agravando dia a dia, é o produto da mais ignóbil das especulações exercidas exactamente pelas criaturas que lentamente se vão apoderando de todas as riquezas, que deveriam pertencer à colectividade, para as explorarem, especialmente, em seu benefício particular.

Tem-se negado sistematicamente a natural missão aos caminhos de ferro. As artérias que deveriam canalizar toda a sua acção, no sentido do maior desenvolvimento económico e social do povo, são, pelo contrário, aproveitadas para, só em parte, o fazerem, desviando-se o curso dessa missão para objectivos estranhos à sua função livre e de interesse comum.

A nossa indiferença ante a entidade que se arroga o direito de estar à testa dos caminhos de ferro: Estado ou empresa particular, porquanto sob o nosso ponto de vista constatamos que em matéria de exploração dos ferroviários estes sentem-na de qualquer forma, essa indiferença, iam dizendo, é no entanto quebrada pela maneira habilidosa como se quer fazer uma operação desta natureza, a pretexto da má administração do Estado. Mas a administração dos caminhos de ferro como de qualquer outra indústria, quando tenham vista interesses individuais, é feita sempre sobre a miséria dos seus assalariados.

Quem tem autoridade de condenar o Estado, não só sob o aspecto administrativo, como quanto aos restantes poderes em que ele se apoia, é a classe trabalhadora, a única vítima que sofre as funestas consequências da sua existência e não as companhias que, ajudadas por ele, em momentos críticos, ainda por cima o atacam para se apoderarem do que ainda lhe esteja nas mãos.

Inadvertidamente, as empresas particulares e demais trusts capitalistas, ao afirmarem a negligência do Estado neste ponto, reforçam a nossa tese de que ele não tem razão de existir! Mas se ele não deve existir, muito menos ainda essas empresas têm razão de o substituir.

A sua administração, se aparentemente é melhor, à custa do seu pessoal é conseguida.

A Companhia Portuguesa, que há pouco tempo estava dada como falida, ainda não conseguiu apresentar dividendo, porque assim lhe convém.

A sua tática, habilidosa aliás, resume-se em elevar continuamente o seu capital social: compra de material, renovação do existente, embelezamento de edifícios, construção de outros, etc.

E' porque a apresentação de lucros implicaria uma diminuição de tarifas e isso não lhe é conveniente.

Mas, se se fosse investigar bem a origem da maior receita, especialmente nos últimos anos, verificaria-se que uma grande parte dessa receita à custa dos ferroviários foi conseguida. A pretexto de melhorar a situação destes, foram autorizadas determinadas percentagens sobre as tarifas, cujo maior produto reverteu sempre para a empresa, sob o consentimento e por vezes até com a defesa dos representantes do Estado!

Até se descobriria mais: as dife-

renças encontradas entre as despesas e as receitas provenientes dessas percentagens, e que deveriam entrar no Estado, já mais se realizou essa operação. Assim, pois, se conquista o pomposo título de boa administração!

O que nos interessa, contudo, nessa questão é a situação dos ferroviários que se está jogando, neste momento.

Toda a gente sabe como procede a C. P. para com o seu pessoal. Este está moralmente sob uma desmedida opressão, existindo serviços onde duas ou três dezenas de anos de esforços dispendidos pelos ferroviários, não evitam que, por vingança mesquinha sejam despedidos a todo o momento.

Quer-se há igualar a situação dos ferroviários que pertenciam às redes do Estado à da C. P. E' o que tudo indica e, neste caso, só dispendo-se a reagir eles poderão evitá-lo.

Querem levantar os caminhos de ferro—como se diz—à custa dos que o movimentam, poderá ser genial ideia no cérebro dos omnipotentes membros da C. P., de combinação com os homens de Estado, mas um tanto ou quanto difícil, atendendo a que não se põe em execução, com a facilidade com que se pensa, esse desejo.

Os ferroviários, que têm sido dos trabalhadores mais enérgicos na defesa das suas reivindicações, já vislumbraram os intuitos que presidem a este acto, e saberão resistir ao que injustamente se lhe pretenda fazer.

E neste caso e desde que se atenda aos direitos dos ferroviários, bem como às suas actuais e futuras necessidades, se respeite a sua dignidade de homens e de trabalhadores—o que não tem sucedido—, a questão do arrendamento sob outro qualquer aspecto não nos interessa, porque sabemos que é assunto que tem uma solução apenas, a qual só a classe trabalhadora em conjunto poderá realizar e que se resume em fazer dos caminhos de ferro um verdadeiro serviço de utilidade pública, sem interesses particulares preconcebidos, socializando não só essa indústria como todas as restantes.

Notas & Comentários

Como eles mudaram!

Temos aqui atacado vivamente a república clerical que oferece dos cofres do Estado banquetes ao Nuncio Apostólico e consentiu, mesmo antes de decretado, o ensino religioso nas escolas. Vamos agora reproduzir o trecho dum discurso do famoso Afonso Costa, afim de os leitores medirem em toda a sua extensão o reviramento brusco de opinião e de atitude que se operou nos dirigentes políticos da república:

«Na célebre pastoral, asfixiada à nascença, diziam os bispos haver mais de cinco milhões de católicos e apenas quarenta ou cinquenta mil não católicos, por ser esse o número de cidadãos que fizeram essa declaração nos boletins do recenseamento da população.

«Contavam, assim, como católicos, as crianças que nem falavam, os idiotas, os presos da Penitenciária, os doidos de Rilhafoles, os vadios, quantos, por falta de domicílio, de posição ou de consciência não tinham tido intervenção no detalhe dos boletins.

«A Igreja não é portanto formada por cinco milhões de portugueses; mas aquilo que nem a Igreja pode negar é que o Estado formado por todos os cidadãos, seja maior do que a Igreja.

«Funciona, portanto, a Igreja dentro do Estado como qualquer sociedade anónima. Tem, portanto, o Estado o direito de fiscalizar a Igreja: incumbem-lhe esse grave dever; e tem de fiscalizá-la exactamente como a qualquer outra sociedade.

«Em vez de se alhear da sua acção, o governo saberá qual a nacionalidade dos homens que a dirigem; há-de inquirir se nela se aceitam criminosos; há-de conhecer os seus regulamentos e impedir que eles violentem as consciências, valendo-se das ignorâncias, imperando pelo terror.

«Está admiravelmente preparado o povo para receber essa lei; e a acção da medida será tão salutar, que em duas gerações Portugal terá eliminado completamente o catolicismo, que foi a maior causa da desgraçada situação em que caiu.

«Assim, Portugal se distinguirá entre todos os povos latinos da Europa e da América, dando-lhes o exemplo da liberdade.

Moral avariada

As ideias do dr. Samuel Maia valem pelos produtos da Nutricia que aquele médico nos fornecia sob a rubrica de dr. Félix. São ideias ductis e por vezes com tal elasticidade que ferem o próprio autor. Ainda ontem, num jornal da manhã, a propósito da demissão do director dos hospitais civis ele dava largas à sua imaginação afirmando, entre outras coisas, que o dr. João Pais de Vasconcelos caiu por desavenças com o pessoal maior. E' claro que o dr. Sa-

NO PARAÍSO BURGUEZ

Durante o ano de 1926 abandonaram o país cerca de 42.000 trabalhadores acoissados pela fome

As nossas opiniões sobre emigração são conhecidíssimas: consideramos a emigração uma arma que pode ser aproveitada pelo operariado quando o patronato lhe roube o trabalho ou lhe pretenda cercar os seus direitos.

A emigração em alguns casos é um grande recurso que não deve ser desprezado pelos trabalhadores. O resto são divagações bizantinas que em nada atenuam essa enfermidade social que é a causa de grandes calamidades: a fome.

Mas o facto de considerarmos a emigração o recurso dos proscritos não quer dizer que a aplaudimos todas as vezes e em todas as emergências. A emigração é um recurso igual aos outros de que se utilizam os que trabalham. Há momentos, embora reconhecamos na greve o melhor argumento para convencer a obstinação patronal, que não a aprovamos por ela não corresponder ao seu principal objectivo.

Está neste caso a emigração. Quando ela sirva para aumentar o infortúnio dos trabalhadores não a perfilhamos. Em caso contrário, a emigração é necessária.

Ora ultimamente, mercê do agravamento do custo da vida e da crise de trabalho, a emigração assumiu aspectos trágicos. A população emigrante aumentou numa grande proporção.

Uma cifra trágica

Temos sobre a nossa mesa de trabalho uma estatística que é todo o índice de uma grande tragédia. Acusa ela a cifra de 42.000 portugueses que abalaram no ano de 1926 para outros países. São 34.000 homens e 8.000 mulheres.

A desproporção é grande. Oito mil mulheres e trinta e quatro mil homens. Compreende-se. E' a fuga das pessoas válidas. As mulheres ficaram a cuidar das crianças. Os homens abalaram em procura do alimento para ambos. Mas a quantos o Destino foi mais cruel ainda!

A emigração é encaráda sob dois aspectos: o da necessidade e o da aventura. Diz-se que uma boa parcela de emigrantes vão à aventura. Abandonaram família, haveres, o lar, tudo quanto lhes é querido na ambição de dinheiro, na febre de riqueza. Essa época já passou. Poucos emigrantes embarcam por espírito de ganha. E são tão poucos que já não entram em linha de conta para o nosso caso.

muel Maia não se inclui nesse número, exactamente porque não aparece nos hospitais a pesar de ser um dos seus assistentes.

Protesto insensato

Andam ali vários artistas portugueses fingindo uma grande cólera contra a vinda a Portugal dum indivíduo especializado em transformação e na modernização de cidades.

Chamam a isso uma falta de patriotismo. Já estamos habituados a esses protestos insensatos e ociosos feitos em nome da ideia de pátria.

Haverá, porventura, nesta rotineira terra alguém que se tenha especializado em modernizar e transformar cidades? Não há.

E nesse caso não é melhor mandar vir um de fora do que ir meter nessas funções quem seja incompetente para as executar, só pelo facto de ter nascido em território português?

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo.....	\$50
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofregne.....	\$50
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva.....	\$150
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar.....	\$100
A Humanidade, por Taraf Javol.....	\$150
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin.....	\$200
Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchero.....	\$200
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série.....	\$250
O Mitraísmo, pelo prof. Almeida Paiva.....	\$250
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas.....	\$300
A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia.....	\$350
A Filologia perante a História, por Nobre França.....	\$500
Teófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho.....	\$300
O que é o socialismo, por E. Soisson.....	\$150
Os direitos do Estado, por A. Levisse.....	\$250
O corpo humano, por A. Levisse.....	\$250
Gravidez e parto, pelo dr. Desvurmeaux.....	\$150
Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira.....	\$200
Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira.....	\$150
O concílio de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas.....	\$350

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fouceira, na rua da República, 132.

Efeito contraproducente

Deu-se, em primeiro lugar, como um movimento emigratório com carácter interno. Foi da aldeia para a vila e desta para a cidade. Lisboa foi das cidades a mais castigada. Caiu aqui o peso bruto das oito províncias de Portugal.

Erá impossível, porém, manter uma situação destas. A capital não possui capacidade para a população que comportava. E a emigração para além Atlântico não se fez esperar.

Foi a primeira vítima, depois o primeiro centenar. E numa sucessão louca partiram as centenas desses farrapos humanos que aqui não encontravam os meios de subsistência.

E ao cabo de um ano, como atrás explicamos, esses pequenos magotes formaram o grande exército dos 42.000 emigrantes que abandonaram Portugal.

Há agora um outro aspecto e ao qual já há dias accidentalmente fizemos referência: o retorno dos emigrantes.

Nos Estados da América, quer do Sul quer do Norte, a crise de trabalho é grande. As grandes indústrias se não estão paralisadas têm a sua produção diminuída. Para os trabalhadores nativos o trabalho não seria demasiado, na hipótese mesmo que ele fôsse suficiente.

Com novos candidatos vindos de Portugal, de França, de Itália e de Espanha a situação agravou-se. E o resultado, como é natural, foi o que se esperava: os emigrantes tiveram que voltar às suas terras.

Nesta semana chegaram alguns desses desgraçados, vencidos, sem um único recurso. A fome acompanhou-os e com eles veio. Mais valia que nunca tivessem saído de cá.

A emigração para eles foi um recurso desgraçado. De nada lhes serviu porque foi aumentar o seu infortúnio.

Porisso nós, nestas circunstâncias, não poderemos aplaudir a emigração visto ela redundar num prejuízo para a classe operária e para todos os que dela se aproveitam.

AMANHÃ

Mais um belo número do suplemento literário de A BATALHA

O número de amanhã do suplemento literário de A Batalha é dos mais interessantes desta publicação. Continuam a firmar artigos valorosos, nomes conhecidos no jornalismo e na luta revolucionária.

Ladislau Batalha dá-nos um admirável artigo sobre «A política e os conflitos estomacais». Nele o conhecido professor demonstra que, afinal, muitas das lutas políticas são determinadas por necessidades de estômago e não por princípios ideológicos.

Jesus Peixoto, crítico teatral muito do agrado dos leitores do «Suplemento», escreveu uma criteriosa crítica à peça do dr. sr. Ramada Curto, «Justiça», em cena no Teatro Nacional.

E' um trabalho sem preocupações literárias, mas curioso de observação e espírito crítico.

Rodolfo Benuzzi, num artigo intitulado «Geração Exponência», dá aos leitores do «Suplemento» um interessante trabalho sobre biologia.

«A profilaxia nas doenças venéreas» é a segunda parte do trabalho que a doutora D. Paulina Luisi tencionava apresentar ao Congresso Abolicionista, mas que por ter chegado tarde não foi discutido.

O inquérito sobre se a mulher deve ou não ingressar nas profissões dos homens» conclui neste número, publicando-se algumas respostas muito interessantes.

Actualidades foca os casos da semana e O que todos devem saber e Chico & Zecas, duas páginas habituais, dão aos nossos pequenos leitores curiosas instruções muito úteis. O preço deste número é de 50 centavos como os anteriores.

Calendários

A firma Santos Mendonça, Ld., rua dos Sapateiros, 86, enviou-nos um calendário de parede, repleto de produtos químicos de que é representante. Os nossos agradecimentos.

O MOVIMENTO DE PROTESTO CONTRA A CENSURA

veiu pôr a nu a baixa moral de quatro empresas jornalísticas

Sobre o movimento de protesto de quarenta e oito horas contra a censura e a lei de imprensa, votado numa assembleia geral do Sindicato dos Profissionais de Imprensa e logo secundado por decisão tomada em reuniões dos sindicatos dos compositores, dos impressores tipográficos e dos vendedores de jornais, para uma atmosfera de boatos, de calúnias e de suspeições. Não nos cabe directamente a defesa desse movimento, nem temos procuração dos interessados, que são pessoas conscientes sabendo muito bem a razão dos seus pensamentos e a determinação das suas atitudes, para a intentar. Mas, como os boatos, as suspeitas e as calúnias encontram em certos jornais esplendidamente acolhimento, se é que não partiram deles próprios — e isso não nos repugna acreditar — não podemos deixar de apreciar esse facto, circunscrevendo-o unicamente ao que se passa no domínio da imprensa, no uso pleno duma liberdade de discussão que a ninguém deve ser negada e que para todos deve ser, pelo menos, igual.

O movimento, sendo fundamentado em razões de ordem moral e material, tinha um objectivo de protesto moral que lhe estava indicado pela sua curta duração, previamente marcada. Não era levado a cabo contra a actual situação mas sim contra uma medida idêntica àquela que quando tomada pelo ministério António Maria da Silva, nos últimos dias da sua vergonhosa agonia, levou o *Século* e o *Diário de Notícias* a tomarem a decisão violenta e brusca de suspenderem. (Nessa altura não afirmavam, como o fazem hoje, que o dever duma imprensa é, acima de tudo e contra tudo, não interromper a publicação do jornal).

O sr. Fernando de Sousa, aproveitando os raros minutos que lhe deixa livres a negociata de caminhos de ferro em que anda envolvido, vem a estranhar, jesuiticamente, que só se lembrassem de protestar contra a censura findos oito meses sobre a sua implantação. Que culpa temos nós de aquele velho, profundamente insidioso e mau, se tinha esquecido do protesto que por essa altura foi entregue ao presidente do ministério e que se tivesse aberto depois um largo compasso de espera aguardando a decisão do governo? A circunstância de se esperar largos meses implicava a obrigação de se cruzar os braços à espera que a mãe, o pai e o filho divinos da Santíssima Trindade fizessem o milagre de resolver o assunto em conformidade com os desejos e interesses das classes reclamantes?

Alude o mesmo contumaz caluniador a maneios políticos, à coincidência de data com um determinado movimento. Mas então a censura não era para pacificar a sociedade portuguesa visto que os jornais é que criavam o ambiente a essas revoluções em cujas águas turvas *Nemo* tem pescado com sinistras intenções? Se ha tal movimento a que alude *Nemo*, revelando-o nega a utilidade da censura.

Lemos o manifesto das classes que protestam contra a censura e achamo-lo digno e ativo, merecedor de ser sancionado pelas classes que o assinavam. *Nemo* tenta ridicularizá-lo, no seu evidente intuito de o desacreditar. O ataque feito por aquela pena que tanta infâmia tem esvurmado não o atinge. A *Nemo* é que conviria quebrar a pena e ir para o convento rezar a Deus o seu ódio a toda a beleza, a toda a justiça e a toda a liberdade humanas.

O «Correio da Manhã» insiste na mesma calúnia; iguala-se a *Nemo*. Aquele jornal e este director de jornal estão convencidos de que a melhor arma para implantar a monarquia — é a calúnia.

Porém, acima das nossas palavras estão os factos. Esses é que interessam, acima de tudo aos leitores. E' por isso que transcrevemos alguns trechos que melhor caracterizam a atitude da «Epoca», do «Correio da Manhã», do «Século» e do «Diário de Notícias». O leitor leia-os com atenção e comente depois, a seu sabor, a degradação moral dos seus autores. Ficam valendo com o mais sólido dos libelos ao mesmo tempo que constituem a mais violenta dos diatribes:

A «Epoca» põe a calúnia ao serviço da censura

Fala o *Nemo*, sombrio e rancoroso: Pretende-se desencadear uma greve jornalística contra o decreto regulador da liberdade de imprensa e contra a censura.

Quando o decreto foi promulgado a imprensa reclamou acérra de várias das suas disposições. Nem todas as reclamações foram atendidas; mas reconheceu-se então que muitos dos preceitos incriminados vinham das leis anteriores sem terem provocado protestos.

Está o decreto em vigor há meses e quer-se fazer agora uma greve de protesto contra ele?

Quanto à censura começou antes da vigência do decreto. O governo, exercendo uma ditadura exigida pela situação grave do país, a que o exercício quis acudir, julgou necessárias restrições da liberdade de imprensa para evitar agitação dos espíritos e provocações a desordem.

Recorreu, pois, à censura, e devemos ser justos, reconhecendo que ela tem sido correcta, salvo um ou outro incidente, filho da rapidez com que tem de ser feita para não prejudicar a vida dos jornais, ou determinado pela inevitável variedade dos critérios das pessoas encarregadas dessa missão.

Que significa então a indignação à sobreposse, levada até à greve, ao cabo de sete meses de censura?

... Há, porém mais e pior: é que, por detrás da greve de protesto se adivinham maneios políticos, de que são joguete e instrumento os paladinos da liberdade de pensamento.

O «Correio da Manhã» resolveu não lhe ficar atrás

Considerações caluniosas do órgão monarchico.

«Perante o anunciado movimento de protesto contra a censura e a lei de imprensa, vamos definir, com o desassombro e a clareza que são nosso timbre, a atitude a manter nessa emergência — não acompanharemos o movimento, primeiro porque o consideramos extemporâneo, segundo por se descurtar por detrás d'ele uma manobra que não poderá em caso algum, ter a nossa aquiescência.

... Contra uma lei protesta-se quando ela se promulga e não quando se executa; contra um determinado regime imposto, protesta-se igualmente quando ele vai ser posto em vigor e não passados alguns meses. E como o caso Félix Correia desapareceu como razão de protesto, os redactores deste jornal, que não têm nem querem ter coisa alguma com os interesses de quem não soube cumprir o seu dever, declaram não acompanhar o movimento, pelas razões expostas e ainda pela demora na fixação da sua data, parecendo haver necessidade de a fazer coincidir com outra qualquer.

Pereira da Rosa torna-se igual a si mesmo

O órgão de história mais escandalosa do que a do mais infamante lupanar pronunciou-se deste modo torpe e insidioso:

«O que andará, porém, nos bastidores de tudo isto? Pessoalmente, já o director do *Século* disse a alguns dos indignados grevistas que o caso julgava capazes de servir interesses absolutamente diversos dos que figuram no seu estandarte! Mas o que é certo é que este movimento, que o governo julga ser dirigido contra ele, vem precisamente no momento em que a certos jornais, muito afectos à moagem, convém que ele se realize. Por outro lado, nas regiões oficiais pensa-se que a política é um dos factores principais da greve que, segundo se afirma, está em marcha. Sendo assim, ainda mais temos de firmar-nos na nossa atitude, contra a moagem, ao movimento que se projecta. O *Século* não quer, de modo algum, imiscuir-se numa manifestação violenta, como o são todas as manifestações grevistas, com a qual, por virtude de circunstâncias anteriores, ainda bem vivas na memória de todos, não simpatiza. E de harmonia com o seu pensar e com a linha de conduta que acaba de definir, o *Século* procurará, se não lhe faltarem os indispensáveis elementos profissionais, publicar-se com a regularidade habitual, por considerarmos que o primeiro e mais imperioso dos seus deveres é servir os seus leitores, não dando a atitudes que não são de consideração uma importância que elas não têm. E' assim que, em face da greve que se anuncia, definimos a nossa atitude.

O «Diário de Notícias» ferido na sua honra...

O órgão da Moagem devolve a fama que o «Século» lhe atirou, salpico por salpico, com grande «autoridade moral»:

«Não por consideração por quem nos caluniam, mas pela que os nossos leitores e o público em geral nos merecem, temos que repór na verdade a insidia vil em que um jornal da manhã pretende envolver-nos a respeito da falada greve dos jornais. Tratando dessa greve, diz: «Mas o que é certo é que este movimento, que o governo julga ser dirigido contra ele, vem precisamente no momento em que a certos jornais, muito afectos à moagem, convém que ele se realize. E' com osso, não há dúvida.

... Ora, há mais de uma semana, numa reunião a que não se deu publicidade — esse jornal sabe-o bem, porque o ouviu — o director do «Diário de Notícias», achando inútil a greve e considerando-a mais contra as empresas jornalísticas do que contra o governo, a quem, aliás, não pretendia mover guerra, declarou que empregaria todos os meios ao seu alcance para que o seu jornal não deixasse de se publicar uma só vez que fosse. Passados poucos dias, dois delegados dos Profissionais da Imprensa procuraram nesta casa o director-delegado da Empresa e expuseram-lhe os propósitos da greve. Por este senhor lhes foi respondido que faria quanto ao seu alcance estivesse para o «Diário de Notícias» não sofrer a mínima interrupção.

... A baixeza a que o tal jornal da manhã desceu, lançando no animo do público a mais redonda calúnia, resvala assim, sem nos tocar, na própria lama de onde saiu.

Aberta esta excepção, que bem contra vontade fazemos, mas que devíamos ao público, não nos macularemos mais com qualquer resposta.

A política burguesa Uma gentileza soviética

PARIS, 22. — O sr. Briand recebeu esta manhã o sr. Rakowski, embaixador dos Soviéticos em França, que lhe foi apresentar as suas despedidas, antes d'ir partir para Moscovia. — H.

Pequenino mas humilde

BEYROUT, 22. — A câmara libanesa aprovou uma moção de viva satisfação pelo auxílio prestado pelo governo francês ao país, e de agradecimento ao alto comissário Ponsot e ao general Gamelin pelos esforços feitos na pacificação de todo o território libanês. — L.

O estatuto de Tanger

MADRID, 22. — A conferência internacional do estatuto de Tanger deve iniciar os seus trabalhos, em Paris, nos princípios de fevereiro. — (L.)

Uma ameaça sem efeito

TOQUIO, 22. — Devido às diligências feitas pelo primeiro ministro a oposição retirou a sua moção de desconfiança, supondo-se, por isso, afastada a ameaça de dissolução do parlamento. — (L.)

MARCO POSTAL
Layre-Pimpolho - J. Nunes Paredes.
Recebemos 20\$00. Ficou paga a assinatura até 16 do corrente. Devolva o recibo que foi a cobrança.

CAMBÉIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95\$00
Madrid cheque		3518
Paris, cheque		578
Suiza, cheque		3878
Bruxelas cheque		2873
New-York, cheque		19558
Amsterdão, cheque		7184
Idália, cheque		185
Brasil, cheque		2330
Traga, cheque		58,5
Suécia, cheque		58,24
Austria, cheque		2377
Perlim, cheque		4565,5

Espectáculos de hoje

TEATROS
Teatro S. Carlos - A's 21 - «A Mulher»
Teatro Nacional - A's 21, 15 - «Frei Luis de Sousa»
Teatro S. Luís - A's 21 - «Benamor»
A's 15 - «Concerto»
Teatro da Trindade - A's 21, 15 - «A Garçon»
Teatro do Ginásio - A's 21 - «O Caso do Dia» - Conchita Ullia
A's 15 - «Concerto»
Teatro Apolo - A's 20, 30 e 22, 30 - «Mourarias»
Teatro Avenida - A's 21, 30 - «O Pé de Salas»
Teatro Variedades - A's 8, 30 e 10, 30 - «O Inferno»
Eden-Teatro - 20, 30 e 22, 30 - «Sempre fixa»
Coliseu dos Recreios - A's 21 - Companhia de Circo
Teatro Salão Foz - A's 20, 30 e 22, 30 - «Pim! Pam! Pum!»
Teatro Joaquim d'Almeida - A's 20 e 21 - Cinema e variedades.
CINEMAS
Tivoli - Todas as noites animatógrafo.
Salão Olympia - Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrafo e concerto musical. - Rua dos Condes.
Jardim Zoológico - Exposição de animais.

SUCATAS

Compra-se toda a qualidade e quantidade de sucata de metal e ferro. RUA CAIS DO TOJO, 33 e 40 (ao Conde Barão).

FATOS

A 220330 fatos por medida em boas casemiras. Recebem-se fatos a feito e forros por 120\$00. - ALFAIATARIA DIAS, 84, rua D. Pedro V, 86.

ATENÇÃO!!!

Vendem-se directamente das fábricas ao público lanifícios, assim como fatos por medidas em bons estambres desde 200, 250 e 300\$00. Fatos feitos para homem em casimiras, em todas as medidas, desde 100, 120, 130 e 140\$00. Fatos feitos para rapaz desde 70\$00. Calças já feitas para homem em todas as medidas, desde 30, 35, 40 e 50\$00. Grande stock de casacos de senhora desde 80, 100, 120 e 140. Casa dos Lanifícios. Calçada do Combro, 72-74.

LEILÃO DE PENHORES

Rua A. M. Alegrete, 30
AMANHÃ, COM ROUPAS, ETC.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos. Pedidos a:

FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

Lede o Suplemento da «A Batalha»

Milhares de curas



SE DEVEM AO HERPETOL

Unicoremedo eficaz para as doenças da PELE
Esta criança foi torturada por uma forte comichão. Depois de ter usado várias pomadas e outros ingredientes que aos pais aconselhavam, resolveram consultar o médico, o qual recebeu um frasco de HERPETOL.
A pele, que tinha a aparência escamosa muito irritada, tornando a criança a um permanente coçar, logo as primeiras aplicações do HERPETOL, sentiu-se sensivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco todas as manifestações haviam desaparecido.
E' recomendado em todos os casos de eczema humido e seco, manchas, erupções, espinhas emorduras de insetos.
A' venda em todas as farmácias e R. da Prata, 237, Lisboa e na R. das Flores, 153, Porto.

TUDO AOS MONTES



(A todos interessa)

Porto, Coimbra, Braga, Algarve, Alentejo, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda, Moçambique, Congo, Guiné, etc.
Não tem agentes a casa
FREIRE, NEM QUERE, PREFERINDO DIRECTAMENTE aos frequentes pelos preços 10 010 MAIS BARATO que o que os agentes levam e mais. PAGAM seus pedidos directos para serem bem servidos e rápido a GRANDE FABRICA onde se fazem essas lindas CHAPAS e que foram para sempre e letras esmaltadas para ruas, estabelecimentos, etc., emblemas lindos e baratos para Sports, clubes, medalhas para corridas (artigos de barão), Giletes mais baratas. Estojos de metal branco com maquiagem e lâminas Giletes 3\$00. Navilhas, máquinas para cortar cabelo, máquinas de 4 rolos para se alisar. Tesouros (liras superiores a 1\$00) que outros vendem a 2\$00) e cintas de linha permanente com pena de ouro a 1\$00, que os outros vendem pelo dobro. Canivetes, CACHIMBOS, numeradores a flauta, a repulção o número até 12 vezes, ditos para cheques a picotar o número e com data, selos em branco para as Juntas Paroquiais, câmaras e repartições, sinetes para lacre e roupa, etc., alças de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinhas, fichas de metal para joão, calças, fabricas, etc. Usas lindas saias a Freire, em aço e ouro com brânzões e monogramas, cunhos importados Portugal, chapas e letras para marcar chavetes e preços, lâmpadas e instalações eléctricas, isqueiros e pedras, etc., etc. ÚNICA na Europa completa. A. L. Freire, 155 e 164, R. do Ouro. - Telef. 2556 C. - Pedem a cobrança para tudo lhe se remeter.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%.

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora 3\$00
Sapatos em verniz 3\$00
Lotas pretas (grande saída) 4\$00
Lotas brancas (saída) 2\$00
Grande saída de botas pretas 5\$00
Lotas de couro para homem 4\$00
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a Casa.
Ver bem, pois só lá se encontra a Social Operaria e a Social Operaria, 18-24, com Filial na mesma rua, n.º 40.
«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES
Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.
Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL
Companhia de Seguros Sede - Rua Garrett, 95 LISBOA
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
IMPORTANTE: Mediante um ligeiro sobre-prémio, A MUNDIAL põe-vos-lá ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

Este ardor é horrível!
Sem duvida que é muito desagradavel termos de nos coçar continuamente. Este incomodo ardor desaparece rapidamente com as fricções de Mitigal „Bayer“.

A eficacia do Mitigal em qualquer especie de comichão, assim como em todas as enfermidades parasitarias da pele (especialmente na sarna) é confirmada pelos medicos. Peça um dos interessantes folhetos explicativos que se dão em todas as farmacias.
Use V. tambem Mitigal!

Já Viram? EUREKA
Fabrico manual. Sólido, elegante
O portador deste anúncio tem direito a 10% de abatimento
36, RUA DE SÃO DRUHO, 40

NORTE 5521 e 5528
São os telefones dos 60 taxis
CITROËN
(Palhinha amarela)

Cooperativa Lisboense de Chauffeurs
que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro
GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21
SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

ASSINEM Os Mistérios do Povo
NÃO COMPREM LIMAS OU GROSS sem consultar a Empresa de Limas União Tomé Fátima, Lda
Sede em VIEIRA DE LEIRIA
Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em ferro ou com a concórdia com as melhores marcas estrangeiras
EXPERIMENTAR É ADOPTAR - Visitem a nossa agência em Lisboa Travessa do Fala 56, 9-B
TELEF. N. 3415

Caminhos de Ferro do Estado
DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE
Serviço de Armazens Gerais
Concurso para a adjudicação da compra da madeira do freijó, em vigas

ANÚNCIO
Pelo presente anúncio se faz público que no dia 10 do próximo mês de fevereiro, pelas 13 horas, na sede da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de São Mamede, n.º 63, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 40 metros cúbicos de madeira de freijó, em vigas.
Para ser admitido a licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 13 horas do último dia útil anterior ao do concurso, o depósito de 650\$00.
Ver as restantes condições no último anúncio que abaixo se publica.

Concurso para a adjudicação da compra de 204 rodas e 100 chumacelras, para zorras

ANÚNCIO
Pelo presente anúncio se faz público que no dia 11 do próximo mês de fevereiro, pelas 13 horas, na sede da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de São Mamede, n.º 63, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 204 rodas e 100 chumacelras para zorras.
Para ser admitido a licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 13 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito de 2.000\$00.
Idem.

Concurso para a adjudicação da venda de sucatas diversas

ANÚNCIO
Pelo presente anúncio se faz público que no dia 15 do próximo mês de fevereiro, pelas 13 horas, na sede da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de São Mamede, n.º 63, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da venda de sucatas diversas, divididas em 12 lotes como consta do programa respectivo.
Para ser admitido a licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 13 horas do último dia útil anterior ao concurso, o depósito constante do referido programa.
O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório no prazo de oito dias contados da data em que a mesma lhe for notificada, com a quantia necessária para prefezer 5% da importância total da mesma adjudicação constituindo, assim, um depósito definitivo que, por intermédio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depósitos onde ficará a ordem da mesma Direcção.
Este reforço terá de efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.
As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.
O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se pautados no Serviço de Armazens Gerais, calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.
Lisboa, 14 de janeiro de 1927. - O engenheiro-chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) Feio Terenas.

Mensuração
Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o FERREOL
Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.
Envia-se pelo correio a cobrança.
FARMACIA CUNHA
R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353
Medicina, coração e pulmões - Dr. Armando Narciso - A's 8 horas.
Cirurgia, operações - Dr. Bernardo Vilar - 10 horas.
Rins, vias urinárias - Dr. Miguel Magalhães - 10 horas.
Pele e sífilis - Dr. Correia Figueiredo - 11 e 13 horas.
Doenças nervosas, electroterapia - Dr. R. Loff - 2 horas.
Doenças dos olhos - Dr. Mário de Matos - 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos - Dr. Mário Oliveira - 12 horas.
Estômago e intestinos - Dr. Mendes Belo - 3-11 horas.
Doenças das crianças - Dr. Emilio Paiva - 2 horas.
Doenças das crianças - Dr. Filipe Mano - 12-14 horas.
Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto Roma - 3 horas.
Dentes e dentes - Dr. Armando Lima - 10 horas.
Cancro e rádio - Dr. Cabral de Melo - 1 hora.
Raios X - Dr. Almeida Saldaña - 1 hora.
Análises - Dr. Gabriela Beato - 1 hora.

POLICLINICA POPULAR
Rua Morais Soares, 114
Telef. 5460-N.

Cirurgia, Operações - Dr. Abel da Cunha - 13 e 15 horas.
Estômago, Intestinos e Fígado. Clínica Geral - Dr. Eduardo Neves - 11 e 13 horas.
Coração e Pulmões. Clínica Médica - Dr. Leão da Silva - 10 e 12 horas.
Doenças da boca e dentes - Dr. Gonçalves Viterbo - 9 e 11 horas.
Doenças das crianças - Dr. Fias de Matos - 13 horas.
Doenças dos olhos - Dr. Sousa Aguiar - 13 horas.
Pele e sífilis - Dr. Oliveira Feijó - 11 horas.
Doenças das senhoras - Dr. Isabel Pereira - 11 e 13 horas.
Garganta, nariz e ouvidos - Dr. Gomes Coelho - 10 e 12 horas.
Rins e vias urinárias - Dr. Fontoura Madureira - 10 e 12 horas.
Raios X - Dr. Aleu Saldaña.

Policlínica do Rato
Praça do Brasil, 45, 1.º
Telefone N. 1200

Dr. António Monteiro - 11 horas - Clínica geral, senhoras, crianças e partos.
Dr. João Gonçalves - 13 horas - Boca e dentes.
Dr. Lourenço Raimundo - 13 e meia - Rins e vias urinárias.
Dr. António Fernandes - 13 e meia - Medicina geral e doenças nervosas.
Dr. João Saraiva - 15 e meia - Doenças dos olhos.
Dr. Tavares do Couto - 15 e meia - Garganta, ouvidos e nariz.
Dr. João de Morais Sarmento - 16 horas - Ginecologia e operações.
Dr. Rival Saavedra - 17 horas - Pulmões, pele e sífilis.
Dr. José Crespo - 17 e meia - Clínica médica, estômago, intestinos e fígado.
Dr. Aleu Saldaña Cruz - Raios X.

Análises clínicas, electroterapia, massagem e ginástica médica

Chapelaria A SOCIAL
Cooperativa dos Operários Chapelheiros
Grande sortimento em chapéus, flocos e meias em cores lindíssimas, feitas dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE
Especialidade em chapéus de seda e FLAMÃO
Chapéu mole, novo modelo americano muito elegante, só na A SOCIAL
Cooperativa
Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º
- ESTABELECEMENTOS -
Sede: - 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: - Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: - Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: - Rua do Arco Marquês de Alegrete, 55 52
FABRICA DE BONETS - Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Edições de A SEMENTEIRA
Práticas neo-maltusianas 5\$0
O sentido em que somos anarquistas 5\$0
A peste religiosa 5\$0
A Liberdade 5\$0
A Internacional (música e letra) 3\$0
Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

—Salvem-me, por amor de Deus!... Escondam-me, que sou perseguido!...

E o pobre advogado corria como um louco da mulher para a filha e desta para aquela, abraçando-as perdidamente.

—O medo perturbou-lhe o espirito, meu pai!—disse Carlota. Ninguém anda em sua procura. Sossegue.

O advogado esteve quieto a desmaiar, chegando a ser preciso que a sr.ª Desmarais corresse a buscar um frasco de sais e lho desse a cheirar. Ele então reanimou-se um pouco, e disse com voz fraca:

—Obrigado pela sua bondade. Agora peço-lhes, a ambas, que me ocultem seja onde for, que o marido de Carlota pode voltar acompanhado por algum membro do conselho geral; e, se tal sucedesse, eu seria reconhecido, preso e guilhotinado. Tenham dó de mim!...

—Mas, meu pai, esses receios são completamente exagerados; meu marido saberia impedir que o prendessem nesta casa.

Neste momento, Gertrudes entreabriu a porta, e disse com um mistério a Carlota:

—Minha senhora, tenha a bondade de cá vir, se faz favor.

—O que é, Gertrudes?—preguntou a sr.ª Lebreann. Quem me procura?

—E' um empregado da policia que pede para lhe falar.

Ao ouvir dizer a qualidade do visitante, o terror de Desmarais chegou ao último extremo; ele correu para o vão duma janela, onde tratou de se esconder envolvendo-se nas cortinas. Carlota saiu do salão, cuja porta fechou. Alguns instantes depois, voltou, e, mostrando uma carta que trazia na mão, disse:

—E' uma boa noticia, minha querida mãe!... Mas onde está meu pai?

A sr.ª Desmarais apontou para a janela, cujas cortinas desenhavam a estatura do advogado e lhe deixavam ver os pés, e disse em voz baixa:

—Se não tratamos de ocultar teu pai, seja onde for, ele é capaz de morrer de medo.

—Esse medo não tem razão de ser!—disse Carlota igualmente em voz baixa. Mas também sou da tua opinião. Podemos levá-lo para o sótão do celeiro, que se fecha à chave; meu pai julgar-se há certamente ai em segurança, e assim se lhe dissiparão os terrores.

Depois, dirigindo-se para a janela, cujas cortinas afastou, viu o pai, livido, banhado em suores frios, mal se podendo sustentar encostado ao parapeito da janela.

—O que queria o tal policia?—balbuciou ele a custo.

—Vinha trazer-me uma carta de João—respondeu Carlota. Já lhes vou dizer o que ela contém, e depois levarei meu pai para um lugar onde estará em segurança, no último andar da casa.

Eis o que me escreve João:

«Tudo tem corrido bem até agora, minha querida e adorada mulher; o conselho geral da Comuna está quasi todo reunido; trata-se de adoptar medidas energicas e prontas, porque a Convenção não dorme.

«Estamos em sessão; é por nós a maioria das secções; subemos agora que os arrabaldes António e Marceau estão prontos a marchar, e estamos à espera dos seus delegados.

«A praça do Municipio está cheia duma multidão armada, com muitos canhões, brandando:

«Viva a República!... Abaixo os bandidos da Convenção!

«Robespierre e os seus companheiros ainda estão presos, mas não tarda que os vamos libertar. Sossega, tem coragem, e lembra-te de que a tua vida não pertence a ti só.

«Do teu J. L.

«Dize a Castillon que venha ter comigo o mais depressa que puder; é um homem seguro de quem hei de precisar.»

—Se os arrabaldes acompanham a Comuna, está perdida a Convenção!—murmurou o advogado. Ai de mim! Vamos, querida filha, leva-me para o tal lugar seguro de que me falaste... Há de fechá-lo bem e guardar a chave na tua algibeira. Não a des a ninguém... nem sequer a teu marido. Prometes-mo?

—Juro-o!—respondeu Carlota.

E a filha do advogado, esforçando-se por sorrir, disse ainda:

—Serei só eu a sua carcereira. Venha, venha!... E tu, mãe, pede a Gertrudes para recomendar a Castillon que espere por mim no salão.

O advogado saiu todo a tremer, encostado ao braço da filha. A sr.ª Desmarais, seguindo-o com o olhar, dizia consigo:

—Pobre homem! Inspira-me sincera compaixão!... E a pobre senhora ficou entregue por algum tempo às suas dolorosas reflexões; depois prosseguiu:

—O triunfo de Robespierre seria talvez a morte de Billaud-Varenne, nosso amigo, nosso protector, que até hoje tem impedido que meu irmão fosse chamado a comparecer perante o tribunal revolucionário... Mas... quando ele deixar de existir, quem o substituirá, quem salvaguardará, como ele, a vida de meu irmão? Ah! este dia, seja qual for o seu resultado, terá para a nossa familia funestas consequências. Como obstar a tal eventualidade?

Neste momento entrou Carlota, trazendo na mão o cofre de carvalho em que estão encerradas as legendas da familia Lebreann. A sr.ª Desmarais correu para ela e disse-lhe em tom de amável censura:

—Então tu não podias chamar a Gertrudes, em vez de carregares um peso tão grande?

—Mandaste chamar Castillon, minha boa mãe? Eu tenho de o encarregar duma missão bem importante.

—Esqueci-me da tua recomendação, filha; mas vou já reparar essa falta e procurar o contra-mestre; mas diz-me, primeiro que tudo, para que trouxeste para aqui este cofre.

—Quero pô-lo a guardar num lugar seguro e secreto, com o auxilio de Castillon, minha mãe. Bem sabes o valor que João e eu damos aos papeis e mais objectos contidos neste cofre. Nestes tempos de revolução, é preciso estar preparado para tudo. João me agradecerá o ter tomado esta precaução.

E, dizendo isto, Carlota tocou a campainha. No mesmo instante vinha a entrar Castillon. O contra-mestre parecia vir preocupado; trazia a farda e a espingarda de soldado voluntário.

Carlota disse-lhe então:

—Pegue neste cofre e acompanhe-me, meu caro Castillon.

E, voltando-se para a mãe, a jovem acrescentou:

—Eu não me demoro nada, querida mãe. Tenha esperança e coragem, que tudo há de correr bem! A Comuna há de triunfar da Convenção.

—Oh! os meus presentimentos!—murmurou a sr.ª Desmarais enquanto a filha se afastava seguida por Castillon. Os meus presentimentos não me enganam! Este dia há de ser fatal para nós.

.....

A's dez horas da noite, o conselho geral da Comuna estava, após cinco horas e meia de folga (a 9 de thermidor) reunido na grande sala do Paço Municipal, sala chamada da Igualdade. As janelas, que estavam abertas, deixavam para a praça, apinhada de cidadãos; o ferro das baionetas e das lanças brilhava à luz dos archotes; bastantes peças de artilharia tinham sido levadas para ali pelos membros das secções, e, de espaço a espaço, ouviam-se os gritos de Viva a Republica! Viva a Comuna! dados pelos cidadãos.

A sala estava iluminada por candieiros, bem como a mesa à roda da qual estavam sentados os membros do conselho geral da Comuna, sob a presidência do cidadão Fleuriot-Lescot, chefe da municipalidade de Paris.

O presidente—Vou ler ao conselho a proclamação que vai ser hoic afixada em toda a cidade de Paris. (Leu.)



HISTORIANDO

SINDICALISMO E ANARQUISMO

(Conclusão). Durante quarenta anos seguros foi essa tática seguida, e agora é evidente a todos que por toda a Europa estão os trabalhadores fartos dela: muitos são os que dela se afastam enojados. Eis a razão por que tanto ouvimos falar agora de «sindicalismo».

Contudo, durante estes quarenta anos, a outra corrente — a luta directa do Trabalho contra o Capital — continuou também a desenvolver-se, não obstante todas as perseguições dos governos e as acusações dos políticos capitalistas. Seria uma história extremamente interessante mostrar o seguro desenvolvimento desta corrente e analisar as suas relações, intelectuais e pessoais, com os partidos políticos social-democráticos dum lado, e do outro com os anarquistas. Não veio, porém, ainda a oportunidade para escrever tal história, e no fim de contas talvez seja melhor não ser agora escrita. Desviaria a atenção para as influências pessoais, ao passo que a influência das grandes correntes do pensamento moderno e do desenvolvimento da consciência entre os trabalhadores da América e da Europa, independente da influência dos guias intelectuais, é que devem ser examinados, se se escrever uma história real do movimento sindicalista.

Que no momento actual precisamos de dizer é que, na mais completa independência dos ensinamentos dos socialistas — em virtude do próprio facto de serem as massas operárias reunidas nos centros industriais, e de terem conservado do passado a tradição das suas uniões profissionais, tanto públicas como secretas — elas sempre organizaram associações, a fim de pôr um freio à sempre crescente exploração e à arrogância dos patrões. E a medida que as massas organizadas de trabalhadores se tornaram mais numerosas e mais fortes, assim como mais conscientes da grande luta que é a essência mesma da vida das nações civilizadas desde a grande revolução francesa, cada vez mais definidas se fizeram as suas tendências anticapitalistas.

Para nós, não é novo este movimento. Saudamo-lo quando as suas tendências foram exprimidas no programa da Associação Internacional dos Trabalhadores. Defendemo-lo na Internacional, quando os revolucionários políticos alemães o atacaram, vendo nele um obstáculo à sua conquista do poder político. Aconselhámos os trabalhadores de todos os países a fazerem como os espanhóis, quando estes mantiveram as organizações de ofício em estreito contacto com as «seccões» da Internacional. E desde então seguimos com profunda simpatia todas as lutas do movimento operário, sabendo que, sejam como forem num futuro próximo os conflitos entre o Trabalho e o Capital, é este movimento que há de acabar por abrir os olhos da sociedade para o seu dever para com os produtores de todas as riquezas, o único movimento que há de levar os pensadores a achar uma saída no boco para o qual o recente desenvolvimento do Capitalismo trouxe a nossa geração.

Naturalmente, os anarquistas nunca imaginaram que foram eles quem deu ao movimento sindicalista a sua actual concepção dos seus deveres relativamente à regeneração da sociedade. Nunca apresentaram a pretensão absurda de serem eles os directores dos grandes movimentos de ideias que conduzem a espécie humana a um desenvolvimento progressivo. Mas o que nós, com inteira segurança, podemos asseverar é que compreendemos desde os seus inícios a imensa importância das ideias que hoje constituem o escopo principal do sindicalismo. Essas ideias são as que na Inglaterra foram desenvolvidas por Godwin, Hodgskin, Gray e seus seguidores, e em França por Proudhon — nomeadamente a ideia de que as organizações operárias para a produção, troca e consumo devem tomar o lugar da presente exploração capitalista e do Estado; e essa outra ideia, que é dever, função das organi-

zações operárias elaborarem esta nova forma de sociedade.

Estas duas ideias fundamentais não são invenção nossa. Não são invenção deste nem daquele Ditou-as a própria vida a civilização do século XIX, e a nós incumbe agora o encargo de na vida as realizarmos. O nosso orgulho é unicamente que as compreendemos; que as defendemos através desses escuros dias em que elas foram calçadas aos pés pelos políticos social-democráticos e pelos seus pretendidos filósofos; e que ainda queremos permanecer-lhes fieis.

Durante os últimos quarenta anos, em quanto os chefes políticos nos diferentes países faziam todos os esforços possíveis para impedir as revoltas do Trabalho e para subjugar as que tinham carácter ameaçador — precisamente durante esses anos vimos nós as revoltas do Trabalho cada vez mais espalhadas, mais violentas e mais significativas das intenções dos trabalhadores. Foram perdendo cada vez mais o carácter de meras explosões de desespero; quando entramos em contacto com os operários, vimos cada vez mais amadurecer entre eles um pensamento dominante, que poderia exprimir-se quasi numa frase, cheia de profundo sentido: — Ide-vos! Deixai-nos, oh! chefes industriais, não podeis administrar as indústrias nem para nos dar um salário que chegue para viver e uma ocupação certa. Ide-vos! se sois tão curtos de vista e tão incapazes de acordo entre vós, que vos precipitais como um rebanho de carneiros em cada novo ramo de produção que vos promete os maiores ganhos momentâneos, sem vos importar a utilidade ou nocividade dos produtos que fabricais nesse ramo. Ide-vos! se sois incapazes de construir as vossas riquezas de outro modo que não seja preparando guerras intermináveis, e dissipando um bom tempo de produção de cada país em armamentos para roubar outros ladrões. Ide-vos! se tudo o que aprendestes das maravilhosas descobertas da ciência moderna é que não vedes outro meio de obter o bem-estar próprio a não ser a miséria esqualida a que é condenado um terço da população das grandes cidades desta nação riquíssima. Ide-vos! e que vos leve uma praga, se é essa a única maneira que conheceis de gerir a indústria e o comércio. Nós, os trabalhadores, sabemos melhor como organizar a produção, se conseguirmos ao menos livrar-nos de vós, peste capitalista!

Tais são as ideias que foram brotando, que foram elaboradas e discutidas nas habitações operárias por todo o mundo civilizado; e tais foram as ideias que deram em resultado esses tremendos levantamentos do Trabalho que vimos todos os anos na Europa e nos Estados Unidos, na forma de greves de descarregadores marítimos, de ferroviários, de mineiros, de tecelões, começando por fim a assumir o carácter de greves gerais — greves gerais que em breve tiveram o aspecto de grandes lutas dos elementos da Natureza, ao lado das quais as mesquinhas brigas parlamentares eram como que risíveis brinquedos de criança.

E enquanto os alemães festejavam com bandeiras vermelhas e archotes os seus triunfos eleitorais firmemente crescentes, as nações mais experientes do ocidente prosseguiram silenciosamente numa tarefa infinitamente mais séria — a tarefa da organização interior do Trabalho, e os pensamentos que atormentavam estes trabalhadores eram de natureza bem mais grave. Qual será — perguntavam eles a si próprios — a saída do já inevitável conflito universal entre o Trabalho e o Capital? Que formas novas de vida industrial e de organização social saíam deste conflito?

Tal é a verdadeira origem do movimento sindicalista, que os ignorantes políticos descobrem agora como coisa nova para eles.

Pedro KRAPOTKINE

VIDA SINDICAL

Comunicações

Pessoal de Câmaras da Marinha Mercante. — Para apreciação do relatório moral e financeiro de 1926, e eleição dos Corpos Administrativos para 1927, reuniu este Sindicato com numerosa assistência de sindicalizados no p. p. dia 13 em assembleia geral, constituindo a mesa os camaradas Manuel Celestino Graça, Nestor de Assunção e Rodolfo Nuno da Cruz, respectivamente presidente, primeiro e segundo secretários. Lido o expediente passa-se à leitura do relatório moral e financeiro da Comissão Administrativa. A assembleia satisfaz-se só em saber que o Sindicato, pela sua gerência do 2.º semestre, não é de molde a sofrer qualquer censura por parte da classe.

Pelos camaradas Alvaro da Costa Ramos e Manuel Marques foram esclarecidas várias verbas discriminadas nos citados relatórios. Também pela Comissão Administrativa foram de igual forma focados vários casos da sua gerência, esclarecendo mais que para a futura gerência se notará algumas economias. Alvaro Ramos afirma mais que se o relatório financeiro não acusa mais saldo satisfatório é pelo facto de se ter empregado várias centenas de estudos na Escola e Biblioteca que funciona no Sindicato. A biblioteca além de ser uma necessidade, é também uma fonte de conhecimentos úteis na vida social.

Por último, passando-se à votação para os corpos gerentes de 1927, foi pelo secretário geral do Sindicato entregue ao camarada presidente da mesa o resultado do plebiscito pela Comissão Administrativa feito aos componentes da classe, que se encontram no desempenho da sua missão em viagem e que em conjunto com as listas dos assistentes na assembleia dá o número de 600 listas. Feito o escrutínio os corpos administrativos ficam constituídos da seguinte forma:

Secretário geral, tripulante do navio «Nazaré»; secretário administrativo, tripulante do navio «Lourinho Marques»; tesoureiro, desembarcado; vogal, Luis de Sousa Andrade, tripulante do navio «Guiné»; vogal, Alfredo Félix Ferreira, tripulante do navio «Lourinho Marques». Assembleia geral: secretários, Joaquim Tibúrcio de Almeida, tripulante do navio «África»; e Angelo Luis Augusto, tripulante do navio «Angola». Delegado da classe, Alvaro da Costa Ramos. Finalmente nomeia-se a Comissão Revisora

dos relatórios, a qual é composta dos seguintes camaradas: Artur Abílio e Nestor de Assunção, camaradotes, Manuel Celestino Graça, boateleiro.

S. U. da Construção Civil — Secção de Belem. — Após o termo de posse nomeou a nova comissão administrativa constataando que da comissão transacta lhes foi entregue um saldo de 1.418\$991 para o ano de 1927 e 201 bonus e 169 cadernetas que ficam igualmente para o corrente. Os cargos ficaram assim distribuídos: Acácio Tomás de Aquino, secretário; Narciso Bernardes da Silva, tesoureiro; Jorge Mateus, Manuel Pereira, João Duarte Quintino Junior, vogal.

Resolveu mais assinar a revista mensal «Arquitetura» e coadjuvar a festa do 7.º aniversário do sindicato e que as suas reuniões se efectuem às quartas-feiras acitando todas as reclamações nesse mesmo dia.

Resolveu por fim esta comissão saudar todas as vítimas do vôo desastroso da burguesia, assim como os revolucionários de todo o mundo.

Convocações

REUNEM HOJE:
Delegação Federal de Propaganda e Organização do Norte. — Reúne hoje, pelas 15 horas, com todos os seus componentes, onde serão tratados assuntos de máximo interesse para a organização. Dada a importância dos assuntos, espera-se que nenhum camarada falte a esta reunião.

Manipuladores de Pão. — Pelas 16 horas, a assembleia geral para tratar assuntos de grande importância e de resolução inadiável, como eleição dos corpos gerentes para 1927 e apreciar o novo decreto sobre panificação e moagem.

DIAS PRÓXIMOS:

Sindicato dos Profissionais da Imprensa. — Realiza-se na próxima quarta-feira, pelas 18 horas, a assembleia geral ordinária, com a seguinte ordem de trabalhos: Relatório da Direcção e eleição dos corpos gerentes.

Sindicatos da província

Descarregadores de Alhandra. — Realiza-se hoje uma sessão pública, promovida pela Federação dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, de propaganda da próxima Conferência Marítima

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

As hesitações das potências e as intenções agressivas dos ingleses na questão da China

A concentração de grandes navios de guerra em águas da China alarmou, enfim, a opinião inglesa. Em diferentes meios, os comentários e as hipóteses borbulharam tão intensamente que o governo solicitou da imprensa que tranquilizasse o público acerca das medidas tomadas.

Contudo, a atitude da Inglaterra não é muito clara, ora se falando nos círculos oficiais de resistência energética e violenta ao nacionalismo irremediável, ora se revelando disposições a negociar. Vê-se que o famigerado orgulho britânico sente-se diante de um inimigo de respeito e vai sondando os acontecimentos até encontrar uma solução «conveniente». A próxima batalha de Xangai dará essa decisão.

O governo inglês não toma, ao que parece, uma decisão, embora as medidas praticadas excedam a simples prevenção. Novas propostas vão ser feitas ao ministro cantonense dos negócios estrangeiros, dizendo-se que o governo de Londres continua procurando ganhar tempo, a fim de reforçar as suas forças na China.

Os ingleses queixam-se de que, em todas as ruas de Cantão, se afixaram cartazes e manifestos que pregam a guerra nacionalista.

As potências não chegaram ainda a um acordo. Os norte-americanos manifestaram-se contrários a uma acção armada contra os nacionalistas.

Os belgas quasi se desinteressam dos acontecimentos, agora que os tratados que firmou com a China foram revogados pelo governo de Cantão. Esta atitude dos belgas embaraça mais o governo inglês, que vê sancionado o princípio de que o governo nacionalista de Cantão pode revogar todos os tratados com potências estrangeiras.

Os japoneses afirmam que não há razão para guerrear a China, visto que ela não saltou dos seus compromissos. O Japão não concordará com a intervenção estrangeira na China, desde que os interesses japoneses não sejam feridos.

Os franceses mantêm-se na sua atitude de expectativa, não se dispondo a intervir perentoriamente contra a China, mas tendo intenção de defender a todo o custo as suas concessões.

Só os ingleses não querem sair da sua atitude agressiva, falando-se já numa expedição de 25.000 homens em pé de guerra.

Procurando a base equitativa

LONDRES, 22.—O governo publicou um comunicado afirmando que as negociações continuam com a China, a fim de se chegar a um acordo sobre uma base equitativa, e precisando que os preparativos militares e navais realizados constituem uma simples medida de precaução. — (H.)

A intervenção dos Estados Unidos

WASHINGTON, 22.—O ministro americano em Pequim, que se dirige a esta cidade, encontrando-se na Coreia, foi mandado regressar a Pequim, em virtude do governo norte-americano considerar a situação na China como muito grave e estar preparando a evacuação dos 12.000 cidadãos ali residentes. Todas as mulheres e crianças devem ser muito brevemente repatriadas, continuando os homens em Xangai e noutras cidades do litoral, alistados nas milícias de defesa das concessões. Segundo uma nota do ministério da marinha, encontram-se já nas águas chinesas, ou a seu caminho, 28 navios de guerra, e mais 17 estão prontos a largar das Filipinas. — (L.)

Um marechal anti-nacionalista

PEQUIM, 22.—O marechal Tchang-Tso-Lin enviou ao «Daily Express» um telegrama assegurando estar disposto a intervir, com o auxílio das potências estrangeiras, contra os bolchevistas do sul. — (L.)

Os conflitos na América

Manifestações nacionalistas

PARIS, 22.—Por iniciativa da Associação dos Estudantes Latino-Americanos realizou-se hoje uma reunião de protesto contra a intervenção americana na Nicarágua. Os oradores latino-americanos, espanhóis e franceses atacaram fortemente a política do domínio económico nos caminhos de ferro, na banca e nas alfândegas e puseram em destaque o perigo universal que tal domínio representa.

Os srs. Aulard e Lamery enviaram à Associação dos Estudantes Latino-Americanos a sua calorosa adesão às manifestações contra o imperialismo da política americana do dólar, na Nicarágua, no Panamá, Haiti e Colômbia. — (L.)

Arbitragem entre os litigantes

WASHINGTON, 22.—A comissão dos negócios estrangeiros do Senado aprovou uma proposta do sr. Robinson para serem submetidas à arbitragem as divergências entre o México e os Estados Unidos sobre as leis agrárias e de concessões petrolíferas, do primeiro destes países. — (L.)

O governo alemão

Várias hipóteses e várias gestões

BERLIM 22.—O ex-chanceler Marx aceitou o encargo de organizar gabinete nas bases apresentadas pelo partido do centro no seu manifesto de ontem. Afirma-se que o sr. Stresemann continuará à frente da pasta dos negócios estrangeiros.

Um manifesto do partido do centro insiste no respeito à constituição de Waimar, na manutenção do reichswir ao serviço da república e não dos grupos políticos, a respeito dos tratados e na vontade dum laic colaborar para a instituição da solidariedade entre os povos, bem como na libertação da Renânia.

O manifesto acrescenta que o partido do centro reconhece a validade das obrigações que a Alemanha contraiu em Londres, Ginebra e Locarno, e que um espírito de solidariedade é indispensável num acordo franco-alemão.

Juventudes Sindicalistas

Núcleo da Juventude Sindicalista do Porto. — Reúne na próxima segunda-feira, pelas 22 horas prefixas, a Comissão de Educação e Propaganda para assuntos de alta importância.

LUTA DE CLASSES

Burgueses filantropos que pregam a caridade como solução da crise de trabalho...

SETUBAL, 21.—Dissemos, há tempos em A Batalha, que uma grave crise ameaçava Setúbal e que, dentro em pouco, a cidade do Sado estaria reduzida à mais negra e confrangedora miséria.

Previmos, como previa toda a gente de bom senso, uma terrível crise que, como consequência, traria a fome numa implacável invasão dos lares proletários, gerando, como sempre, a mortandade nas classes produtoras e levando operários à prostituição e operários à cadeia, forçados a lançar mão de qualquer recurso que lhes proporcionasse forma de angariarem um pouco de pão.

Setúbal oferece agora um aspecto desolador. A sua população encontra-se a braços com tremenda miséria. De há uns tempos a esta parte, algumas das fábricas ainda em laboração, como os seus lucros não atingissem as somas descomunais desejadas pelos seus proprietários, começaram encerrando as suas portas e lançando na miséria os operários que nelas empregavam a sua actividade.

Como para lançarem uma venda sobre os olhos dos sem trabalho, começaram por reclamar dos poderes constituídos medidas atinentes a auxiliar e desenvolver a indústria de conservas. Escusado será dizer que os senhores a quem eram dirigidas as preces fizeram ouvidos de mercador, porque pouco lhes importa que morram de fome mais uns tantos operários, contanto que a sua digestão não seja por estes perturbada. Além disso, o encerramento das fábricas de conservas deve-se ao facto de os referidos proprietários serem na sua quasi totalidade parvenus que julgavam interminável o tempo da guerra em que, acumulando consecutivamente lucros sobre lucros, conseguiram amontoar as importantíssimas riquezas que hoje disfrutam.

Mas, se por um lado cabe aos fabricantes uma enorme soma de responsabilidades pelos males que assoberbam o operariado, por outro lado não temos visto da parte das entidades governativas qualquer esforço que se prenda com a efectivação de alguns trabalhos que Setúbal há muito reclama, e que bastante contribuiriam para a diminuição da crise em que se debatem as classes trabalhadoras.

Se, por exemplo, a Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra começasse realizando certos trabalhos que não têm infelizmente passado de projectos, occuparia certamente muitos desempregados e contribuiria para minorar um pouco as agruras da população operária de Setúbal.

Se não o faz é devido à pouca vontade dos seus componentes, pois que as somas arrecadadas são de molde a converter em trabalhos práticos todos os projectos apresentados.

Com a câmara municipal sucede quasi a mesma coisa. Falou-se em grandes empreendimentos, mas, finalmente, os senhores edis sómente se lembraram de abrir umas covas no Campo do Bomfim, empregando para isso alguns operários a quem pagavam uns míseros nove escudos. Mesmo esses poucos foram depois despedidos, ficando a grande série de melhoramentos locais em projectos e orçamentos.

Pode ser que agora se faça alguma coisa de geito, tanto mais que a União de Sindicatos Operários parece que resolveu reclamar da câmara municipal a abertura de trabalhos com o fim de se debelar a crise existente. Oxalá que seja atendida a sua reclamação porque, de contrário, nada de bom há a esperar. A miséria é má conselheira e homem com fome não quer admoestações. Por isso é de temer que os famintos façam o que já deviam ter feito há muito tempo, porque talvez não tivéssemos chegado a semelhante estado de coisas!

A situação do operariado setubalense é que não pode manter-se infinitamente neste pé, a pesar de haver certos pescadores de águas turvas que já se preparam para especular com a sua miséria. Já se pensa na distribuição de sopas aos famintos para que assim estes se não revoltam contra a situação de que são únicas vítimas e ainda há pouco, um papelucho qualquer, mantido pela secção sindical dos fabricantes de conservas, vinha pela pena de um ex-camaradinho, hoje verdugo dos operários, seu explorador e seu inimigo fidalgo, verter lágrimas de crocodilo sobre a situação de

que recebem os jornalistas não lhes permite viver exclusivamente da profissão. São muitos os que têm de dedicar-se a outras tarefas, e muitos são os que têm de colaborar em diversos jornais para pôr de coberto as suas mais opressoras necessidades. Esta situação apresenta graves inconvenientes, quer sob o ponto de vista do mercado do trabalho, quer no referente a pensões eventuais de aposentação.

Origem de grandes preocupações é a insegurança da profissão. A eventualidade de ficarem sem trabalho, inquietos os, assim como a perspectiva da doença ou de um acidente, o que lhes daria uma situação aflitiva. E muito raro que o vencimento dos jornalistas lhes permita fazer economias para assegurar o futuro. Enquanto em muitos países se fazem esforços para segurar aos assalariados da indústria e do comércio contra os perigos a que estão expostos, deixam-se os jornalistas entregues às suas próprias forças. Geralmente, são excluídos das leis de seguros obrigatórios já pela sua qualidade de trabalhadores intelectuais, já porque o seu vencimento é superior a uma cifra máxima fixada pela lei. Evidentemente, a qualidade de trabalhadores intelectuais não os impede de estarem expostos sem defesa aos mesmos perigos que os outros trabalhadores e o seu vencimento, um pouco superior ao máximo fixado pelas leis de seguro, basta apenas para permitir-lhes viver e para corresponder aos gastos obrigados em vestir com decência e à necessidade de comprar livros e jornais para estarem ao corrente dos acontecimentos.

Em alguns países esta situação foi enfrentada com medidas legislativas, pela inserção de cláusulas especiais nos contratos colectivos de trabalho e pela cooperação das empresas para a constituição de caixas de seguros. Ocorre, às vezes, como na Inglaterra, em que o Estado concede subvenções às referidas caixas criadas por jornalistas. Em outros casos as empresas jornalísticas

que os seus donos foram as principais causadoras.

O operariado não precisa de esmolas nem de lamentações hipócritas, mas de trabalho, necessita onde empregar a sua actividade ainda que por algum tempo, para acumular os tesouros dos que o chicoteiam constantemente.

Ponha-se de parte a caridade exhibicionista e abram-se trabalhos pois que a cidade de tanto necessita deles.

Ou convém aos parasitas que os operários continuem morrendo de fome?

Então resta-nos a esperança de que os operários setubalenses saibam agir como convém em casos desta natureza. — C.

Um monopólio que agravará a crise de trabalho

FIGUEIRA DA FOZ, 21.—Acaba esta cidade de mil encantos de ser enriquecida com um «melhoramento» que representa nem mais nem menos do que a ruína da classe da construção civil.

E nos tempos que correm, deve elogiar-se quem, para aumentar os seus fabulosos proventos, semeia numa terra a crise de trabalho.

Como a Figueira é uma cidade em pleno florescimento, constroem-se muitos prédios, já porque os figueirenses, ou não figueirenses, querem enriquecê-la de luxuosas e elegantes moradias, já porque em três meses de estação calmosa tira-se um juro de capital fabuloso, tal como trinta mil escudos, por trinta dias, ou seja um conto por dia! E como o espanhol não é homem que se prenda com «bagatelas», eis que quem tem casas, em três meses, só por um andar recebe o bonito de 90 contos!

Eis o principal motivo, que leva muito homem de dinheiro a construir prédios nesta terra.

Destarte a firma Silva & Costa, que é esparta e ladina, sabendo e conhecendo melhor que nós todos estes particulares, pensou que monopolizando alguns materiais de construção poderia vir a ganhar com o negócio.

E pensou assambarcar a cal-hidráulica que a Companhia do Cabo Mondego, fabricasse.

Para isso, obrigaram-se mutuamente à perda dum caução, que ambas depositaram; isto era para que, nem a Companhia do Cabo Mondego pudessem fornecer cal, a outra firma, e obrigando-se a firma Silva & Costa a comprar toda a cal que aquela Companhia viesse a fabricar.

Depositando, cada parte em questão com mil escudos, ficou desta forma estabelecido o monopólio do material de construção mais precioso, e por isso mesmo indispensável.

Resultados: uma saca de cal, que antes deste contrato custava \$850, passou agora a custar 12\$90.

E como a firma Silva & Costa obriga o consumidor a ficar com a sacaria, resulta que o material referido é encarecido por não ter a firma Silva & Costa competidor no mercado e porque o material torna-se oneroso com a obrigatoriedade da aquisição da sacaria.

Agora, vejamos o monopólio no seu aspecto, mais odioso.

Os proprietários das construções, ante o injustificado aumento da cal-hidráulica, indignados com tão descarada roubalheira, resolveram paralisar os trabalhos.

Isto trocado em miúdos quer nem mais nem menos dizer que os donos das obras resolveram despedir os empregados, e deixar os edifícios incompletos.

Mas a firma Silva & Costa é que não se abala muito com a resolução dos construtores, pois tal facto é na comparação com o seu topete uma formiga com um elefante. Que se importa que eles façam greve? Ela tem garantida a venda do produto monopolizado. E tem por uma razão muito simples: é porque ela está segura de que os construtores não mandarão vir de fora cal-hidráulica, porque lhe ficaria muito mais cara.

Está, pois, a Figueira bem servida de futuro com este melhoramento.

Poderão os operários da construção civil reclamar contra tal ilegalidade que a firma Silva & Costa irá fanamente gritar que pretende apenas fomentar o revigorecimento das construções urbanas. — C.

tomam o encargo completo dos gastos de seguro, ou seja porque a isso os obriga a lei — como na Bulgária — ou seja por sua própria iniciativa como fazem algumas grandes empresas.

Quanto às reivindicações ou desejos dos jornalistas, das respostas ao questionário se deduz que há duas questões principais a preocupar os profissionais da imprensa: a insuficiência dos vencimentos e a insegurança da profissão. Existe entre ambas, evidentemente, íntima relação. Pelo que respeita à insegurança preconiza-se, como remédio, o estabelecimento de largos planos para a denúncia dos contratos, indemnizações suficientes no despedimento, uma organização eficaz para obter prontamente colocação e a instituição de sólidos sistemas de provisão que não estão completamente a seu cargo.

Tais reivindicações, agora que os jornalistas começam a estar organizados, estão sendo atendidas em muitos países. Em alguns têm conseguido importantes melhorias. E' verdade que em outros países estão em grande confusão e procuram os meios de se fazerem ouvir. Esta desigualdade entre os jornalistas dos diferentes países demonstra a vitalidade da sua profissão, em todo o caso ainda no período da juventude.

O jornalismo — afirma Fabra Ribas — acaba de sair da fase dos esforços individuais e começa a colher os frutos que produz sempre a solidariedade. Esperamos que esta vez aumentando dia a dia e que começará a revelar-se internacionalmente colaborando, por meio de suas associações profissionais, no inquérito que está levando a cabo a Repartição Internacional do Trabalho, de Ginebra, e que tão úteis ensinamentos ha-de proporcionar a todos.

Com esta interessante exposição ficou encerrada a série de conferências promovidas pela actual direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa.